

A CRÔNICA DE RUY DÍAZ DE GUZMÁN E O SURGIMENTO DO MITO DE LA CAUTIVA

Profa. Dra. Fernanda Aparecida Ribeiro¹

Universidade Federal de Alfenas

(fernanda.ribeiro@unifal-mg.edu.br)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a tradução do sétimo capítulo do livro *Historia del Descubrimiento, Conquista y Población del Río de la Plata* (1612), de Ruy Díaz de Guzmán, intitulado “De la muerte del capitán don Nuño de Lara, y su gente; y lo demás sucedido”. A iniciativa se deu a partir de leituras de diversos autores argentinos que retomam o mito da cativa branca, presente no capítulo traduzido, discutindo questões presentes na história e na sociedade nacional: o binômio civilização e barbárie, a posse do corpo feminino e a disputa entre brancos e indígenas sobre o território das Pampas. O intuito da tradução é oferecer aos pesquisadores e estudantes da língua e literatura espanhola a oportunidade de conhecer e de divulgar a origem do mito, que tem reverberações na literatura e cultura argentina desde o século XIX até os dias atuais.

Palavras-chave: História e Literatura; Literatura Argentina; Mito da cativa branca; Ruy Díaz de Guzmán; Lucía Miranda.

Abstract: This work aims to translate the seventh chapter of the book *Historia del Descubrimiento, Conquista y Población del Río de la Plata* (1612), by Ruy Díaz de Guzmán, entitled “De la muerte del capitán don Nuño de Lara, y su gente; y lo demás sucedido”. The initiative was based on readings by several Argentine authors who take up the myth of the white captive, present in the translated chapter, discussing issues present in history and in national society: the binary civilization and barbarism, the possession of the female body and the dispute between white and indigenous peoples over the Pampas territory. The purpose of the translation is to offer for researchers and students of the Spanish language and literature the opportunity to know and publicize the origin of the myth, which has reverberations in Argentine literature and culture from the 19th century to the present day.

Keywords: History and Literature; Argentine Literature; Myth of the white captive; Ruy Díaz de Guzmán; Lucía Miranda.

Resumen: Esta obra tiene como objetivo traducir el capítulo séptimo del libro *Historia del Descubrimiento, Conquista y Población del Río de la Plata* (1612), de Ruy Díaz de Guzmán, titulado “De la muerte del capitán don Nuño de Lara, y su gente”. La iniciativa se basó en lecturas de varios autores argentinos que retoman el mito de la cautiva blanca, presente en el capítulo traducido, discutiendo temas presentes en la historia y en la sociedad nacional: el binomio civilización y barbarie, la posesión del cuerpo femenino y la disputa entre blancos e indígenas sobre el territorio pampeano. El propósito de la traducción es ofrecer a los investigadores y estudiantes de la lengua y literatura española la oportunidad de conocer y propagar el origen del mito, que tiene repercusiones en la literatura y la cultura argentina desde el siglo XIX hasta la actualidad.

Palabras-clave: Historia y Literatura; Literatura Argentina; Mito de la cautiva blanca; Ruy Díaz de Guzmán; Lucía Miranda.

André Trouche afirma, em seu livro *América: história e ficção* (2006), que os primeiros discursos da/sobre a América foram construídos a partir de um vínculo estreito entre literatura e história e que esse elo não se rompeu ao longo dos séculos.

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (2010) com pós-doutorado pela Universidade Vale do Rio Verde (2016). Desde 2010 é professora efetiva na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e atua como professora e pesquisadora do Mestrado Profissional em História Ibérica.

E é essa relação entre literatura e história que podemos encontrar em relação ao **mito de la cautiva blanca** (mito da cativa branca) no contexto argentino.

O primeiro texto a abordar o mito da cativa foi escrito por Ruy Díaz de Guzmán (1559-1629) na crônica da conquista publicada em 1612 intitulada *Historia del Descubrimiento, Conquista y Población del Río de la Plata*, também conhecida como *La Argentina Manuscrita* devido ao seu formato manuscrito que foi difundido primeiramente, antes da publicação. O texto é o primeiro relato da chegada dos espanhóis no Rio da Prata e conquista desse território. No início do século XIX, Pedro de Angelis publica uma edição por fascículos com o título *Historia Argentina. El Descubrimiento, Población y Conquista de las Provincias del Río de la Plata, escrita por Rui Díaz de Guzmán en el año de 1612*, na *Colección de Obras impresas y manuscritas que tratan principalmente del Río de la Plata* (Silvia Tieffemberg, 2012). A partir da edição de Angelis, vários textos literários – poemas narrativos, romances, contos... – resgatam o tema da mulher branca raptada pelos índios em meio a um ambiente no qual pode ser explorado o tema da civilização e barbárie.

La Argentina Manuscrita é um texto essencialmente histórico, que fornece dados da chegada e estadia dos espanhóis à região do Rio da Prata; contudo, um capítulo específico se sobressai por causa da temática e da falta de documentos que comprovem a existência dos personagens: Sebastián Hurtado e Lucía de Miranda, a cativa branca. É esse capítulo em particular, “De la muerte del capitán don Nuño de Lara, y su gente; y lo demás sucedido”, que é o objeto de nossa tradução.

O nosso objetivo é divulgar aos estudantes e pesquisadores de língua portuguesa o texto inaugural do mito da cativa branca, para que possam ter um melhor conhecimento do imaginário argentino e de seus tópicos culturais. O mito fundado por Díaz Guzmán será revivido no século XIX, com os escritores românticos, e é tema recorrente até os dias atuais na literatura argentina. A fonte utilizada para a tradução é da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, um projeto iniciado pela Universidade de Alicante, na Espanha, que conta com apoio de várias instituições, sendo referência no tema de acervo digital das literaturas de língua espanhola.

É interessante frisar aqui que Ruy Díaz de Guzmán é filho do conquistador espanhol Alonso Riquelme e que sua mãe Úrsula Irala é mestiça – filha do governador Domingo Martínez de Irala com uma indígena (DE GRANDA, 1979). Assim, o autor é considerado o primeiro autor mestiço da região do Rio da Prata; entretanto, a visão e concepção que tinha dos indígenas abre uma série de discussões entre os estudiosos

de sua obra, de modo a considerar seu ponto de vista como se fosse um europeu/espanhol.

No capítulo VII que trazemos para estudo e tradução, é possível perceber que, para o autor, a barbárie surge por parte dos indígenas: os espanhóis liderados pelo navegante Sebastián Gaboto adentram a região do Rio da Prata, se instalam no território e constroem o forte **Santi Espíritus**, mas são os indígenas que assaltam o forte à noite, matam os homens, saqueiam o lugar e levam alguns poucos cativos, entre eles Lucía de Miranda. Segundo Fernanda A. Ribeiro:

A ação é descrita como traição por parte dos indígenas, pois Díaz de Guzmán sublinha que a convivência entre os dois grupos (espanhóis e indígenas) era pacífica até o momento em que o cacique Mangoré se enamora da mulher de Sebastián Hurtado. Assim, para o cronista, as vítimas são os espanhóis, que sofrem a agressão indígena e a morte se converte em uma forma de redenção para aqueles que levavam o cristianismo aos infiéis. (RIBEIRO, 2015, tradução nossa) ²

A questão do cristianismo pode ser percebida tanto no nome das personagens Lucía e Sebastián (nomes de santos católicos) como na forma que as personagens são assassinadas (com fogo e com flecha), sendo comparadas aos santos mártires dos primeiros séculos que eram executados brutalmente por professar a fé cristã. Assim, cria-se uma imagem negativa do indígena – no texto aparece sete vezes a palavra bárbaro/a para caracterizar os índios e suas atitudes – que se deixa levar pela paixão (sentimento negativo) e rouba a mulher do outro (fere um dos mandamentos de Deus).

São vários os estudos sobre o mito e suas reverberações na literatura argentina. Como foi dito anteriormente, o livro de Ruy Díaz de Guzmán foi editado no início do século XIX, na época rosista e, desde então, o mito da cativa branca tem povoado a literatura argentina. O primeiro texto é o poema épico *La Cautiva* (1837), de Esteban Echeverría (1805-1851), cujos personagens – María e Brian – combatem não só a “barbárie” vinda dos indígenas, mas também do espaço geográfico – Las Pampas – que se torna símbolo de luta e de resistência entre índios e brancos.

Outro ícone que se destaca no texto de Echeverría é o corpo da cativa que, segundo Semilla Durán (2014, p. 2, tradução nossa), “[...] não pode anular a história

² “La acción es descripta como traición por parte de los indígenas, pues Díaz de Guzmán subraya que la convivencia entre los dos grupos (españoles e indígenas) era pacífica hasta el momento en que el cacique Mangoré se enamora de la mujer de Sebastián Hurtado. Así para el cronista, las víctimas son los españoles, que sufren la agresión indígena y la muerte se convierte en una forma de redención para aquellos que llevaban el cristianismo a los infieles”.

e fica fora da civilização, mas não foi possuído pelo índio e é território sacralizado de resistência”³. A representação negativa do índio coincide com o processo de “civilização” da Argentina e com o enfrentamento de índios e brancos pela posse do território pampeano. O corpo feminino da cativa se torna, assim, o território de disputa de poder e de interesses políticos entre os dois grupos.

Ainda no século XIX, podemos encontrar referência do mito da cativa no poema *Martín Fierro* (1872), de José Hernandez (1834-1886), bem como no relato *Una excursión a los indios ranqueles* (1870), de Lucio Mansilla (1831-1913). Em 1860, Eduarda Mansilla (1834-1892) e Rosa Guerra (1834-1864) publicam, cada uma, um romance intitulado *Lucía Miranda*, a partir do texto de Ruy Díaz de Guzmán. Enquanto Rosa Guerra se centra no relato em si, Eduarda Mansilla faz uma narrativa cheia de descrições, iniciando o relato na Espanha, onde a história de Lucía, Sebastián e Don Nuño estão entrelaçadas. O interessante aqui é notar a presença da mulher escritora reverberando o mito da cativa branca.

No século XX, são vários os escritores que tecem narrativas sobre o mito, com destaque ao conto “Historia del guerrero y la cautiva”, publicado em 1949 por Jorge Luis Borges (1899-1986). Nele, o narrador relembra que a avó inglesa conheceu outra inglesa, cativa dos índios, que não quis voltar à “civilização” e preferiu regressar aos Pampas para viver com o “outro”. Neste relato podemos perceber que há um questionamento de que os índios seriam bárbaros, já que a personagem borgiana vivenciou uma situação de fronteira, conviveu com o Outro e preferiu viver e adotar uma cultura distinta da sua. Como destaca Beatriz Sarlo:

Borges encontra na história da cativa o espelho de uma história anterior. Mas também um perfil refletido da condição americana: viver na fronteira (que também é uma margem) é condição não somente da história da cativa, mas de sua própria história e (por deslocamento) da literatura argentina. (2007, p.70, tradução nossa)⁴

São vários os autores que seguem o pensamento de Borges ao questionar o que é o Outro e se sua maneira de ser/viver, por ser diferente e desconhecida, pode ser tida como bárbara. César Aira (1949-), Leopoldo Brizuela (1963-2019), Guillermo

³ “[...] no puede anular la historia y queda fuera de la civilización, pero no ha sido poseído por el indio y es territorio sacralizado de resistencia”.

⁴ “Borges encuentra en la historia de la cautiva el espejo de una historia anterior. Pero también un perfil reflejado de la condición americana: vivir en la frontera (que también es una orilla) es condición no sólo de la historia de la cautiva sino de su propia historia y (por desplazamiento) de la literatura argentina.”

Saccomano (1948-), María Rosa Lojo (1954-), Gabriela Cabezón Cámara (1968-) ou Florencia Bonelli (1971-), entre tantos outros.

O que destacamos aqui é a permanência do mito da cativa branca no imaginário e na literatura argentina por meio de uma visão crítica sobre questões da história e da identidade nacional, a partir de um texto que se encontra na fronteira da história e da literatura e que participa da construção do sujeito cultural argentino.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DE GRANDA, Germán. Personalidad histórica e perfil lingüístico de Ruy Díaz de Guzmán. **Thesaurus**. Tomo XXXIV. Núms. 1, 2 y 3 (1979). Disponível em: http://www.bibliodigitalcaroycuervo.gov.co/567/1/TH_34_123_146_0.pdf. Acesso em 24 nov. 2020.

DÍAZ DE GUZMÁN, Ruy. De la muerte del capitán don Nuño de Lara, y su gente; y lo demás sucedido. In: **Historia Argentina del descubrimiento, población y conquista de las provincias del Río de la Plata / escrita por Ruy Díaz de Guzmán, en el año de 1612**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001. p. 21-25. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc9c6w2>. Acesso em 20 ago. 2015.

RIBEIRO, Fernanda A. La frontera civilización/barbarie en la novela Finisterre, de María Rosa Lojo. **Revista Gramma**. v. 26, p. 01-06, 2015.

SARLO, Beatriz. **Jorge Luis Borges: um escritor na periferia**. São Paulo: Iluminuras. 2007.

SEMILLA DURÁN, M. A. Variaciones y recurrencias El eterno retorno del mito de la cautiva en la literatura argentina. Disponível em: <http://crimic-sorbonne.fr/actes/sal4/duran.pdf>. Acesso em 20 ago. 2015.

TIEFFEMBERG, Silvia (Ed.). **Argentina : historia del descubrimiento y conquista del Río de la Plata de Ruy Díaz de Guzmán**. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2012.

TROUCHE, André Luís G. **América: história e ficção**. Niterói: EDUFF, 2006.

Capítulo VII – DA MORTE DO CAPITÃO DOM NUÑO DE LARA, E SEUS HOMENS, E OUTROS SUCESSOS

Tradução de Fernanda Aparecida Ribeiro

Tendo partido Sebastián Gaboto para Espanha com muito sentimento por aqueles que ficavam, por ser um homem afável, de grande coragem e prudência, especialista e prático em cosmografia, como dizem dele; então o capitão Don Nuño procurou manter a paz que tinha com os vizinhos nativos do lugar, em particular com os índios Timbús, gente numerosa e de boa vontade; cujos dois caciques principais sempre a [paz] conservou, e eles, atendendo a boa comunicação, frequentemente proviam os espanhóis de comida, que como povo lavrador, nunca lhes faltava. Estes dois caciques eram irmãos, um se chamava Mangoré e o outro Siripo, jovens, ambos com a idade entre trinta a quarenta anos, valentes e experientes na guerra, e assim eram temidos e respeitados por todos, e especialmente Mangoré, que, nesta ocasião, afeiçoou-se por uma mulher espanhola que estava na fortaleza, chamada Lucía de Miranda, casada com Sebastián Hurtado, naturais de Écija. Este cacique trazia muitos presentes a esta senhora, e a provia de comida, e ela agradecida tratava-o amorosamente; com que veio o bárbaro a afeiçoar-se tanto a ela, e com tão desordenado amor, que tentou roubá-la por todos os meios a ele possíveis: e convidando a seu marido, para que fosse a entreter seu povo, e a receber dele boa hospedagem e amizade, com boas razões ele negou: e viu que por aquele caminho não ia conseguir seu intento, e a compostura, honestidade da mulher, e a modéstia do marido, veio a perder a paciência com grande indignação e mortal paixão, com a qual dirigiu aos espanhóis, sob pretexto de amizade, uma aleivosia e traição, parecendo-lhe que por meio desta aconteceria a empresa de maneira que a pobre senhora chegasse a seu poder: para tal finalidade persuadiu o outro cacique, seu irmão, que não era conveniente para eles obedecer ao espanhol tão de repente, porque por estar [o espanhol] em suas terras, era tão senhor e desenvolto em seu negócio que, em poucos dias, dominaria tudo, como as amostras o afirmavam, e se com antecedência não prevenissem este inconveniente, depois, quando quisessem, não o poderiam fazer, então, ficariam sujeitos à escravidão perpétua; para tal finalidade seu parecer era que o espanhol fosse destruído e morto, e o forte destruído, não deixando a ocasião passar quando o tempo fosse propício: ao qual o irmão respondeu, que como era possível ele tratar coisa semelhante contra os espanhóis,

havendo professado sempre sua amizade, e sendo tão aficionado a Lucía; que de sua parte não tinha intenção nenhuma de fazê-lo, porque além de não ter recebido nenhuma ofensa do espanhol, antes disso, bom tratamento e amizade, não achava motivo para tomar as armas contra ele: ao qual Mangoré replicou com indignação que assim convinha se fazer para o bem comum, e porque era gosto seu, a quem o irmão devia consentir. A tal ponto soube persuadir seu irmão que veio a concordar com ele, deixando a empresa tratada mutuamente para um tempo mais oportuno: o qual, pouco tempo depois, o destino ofereceu-lhes de acordo com seu desejo, e foi: que havendo necessidade de comida no forte despachou o capitão Nuño 40 soldados em um brigue em companhia do capitão Ruiz García para que fossem por aquelas ilhas a buscar comida, tendo como ordem que voltassem rapidamente com tudo o que conseguissem recolher. Partindo, pois, o brigue, Mangoré considerou boa esta oportunidade, e também tendo partido com os demais Sebastián Hurtado, marido de Lucía; e então logo se juntaram por ordem de seus caciques quatro mil índios, que ficaram de emboscada nos salgueiros, que estava a meia légua do forte, à margem do rio, para conseguir seu intento com mais facilidade, e que fosse mais fácil a entrada na fortaleza: Mangoré saiu com 30 rapazes robustos, carregados de comida, peixe, carne, mel, manteiga e milho, com os quais se foi ao forte, onde com mostras de amizade os repartiu, dando a parte maior ao capitão e oficiais, e o restante aos soldados, que o receberam bem e hospedaram a todos, alojando-os dentro do forte naquela noite: no que, reconhecendo o traidor que todos dormiam exceto os que estavam à postos nas portas, aproveitando-se da ocasião, fizeram sinal aos da emboscada que, em silêncio, chegaram ao muro da fortaleza, e ao mesmo tempo os de dentro e os de fora cercaram os guardas, e puseram fogo na casa de munição, [os indígenas] em um momento ganharam as portas, salvos do perigo, matando os guardas e os espanhóis que encontravam, que espavoridos saíram de seus aposentos à praça de armas, sem poderem de nenhuma forma unir-se uns aos outros; porque era grande a força do inimigo quando eles acordaram, uns por um lado, outros por outro, e a outros na cama os matavam e degolavam sem nenhuma resistência, exceto muito poucos, que corajosamente lutaram: em especial dom Nuño de Lara, que saiu à praça dominando com seu escudo e espada por entre grande multidão de inimigos, ferindo e matando muito deles, amedrontando-os de tal forma que não havia ninguém que ousasse alcançá-lo, vendo que pelas mãos dele eram mortos; e vendo isso os caciques ou índios valentes, que estavam do lado de fora, começaram a jogar dardos

e lanças, com os quais o golpearam, de maneira que todo seu corpo estava esfolado e banhado de sangue; e nesta ocasião o sargento-mor com uma alabarda, cota de malha de aço e armadura de ferro na cabeça dirigiu-se à porta da fortaleza, abrindo espaço entre os esquadrões, entendendo que podia dominá-la, chegou até a ombreira da porta, onde ferindo a muitos dos que a ocupavam, e ele mesmo recebeu muitos golpes, ainda assim fez grande destruição matando a muitos dos que o cercavam, de tal forma que ficou espremido entre eles, que lhe dispararam grande número de flechas, que atravessaram seu corpo e assim caiu morto, e nesta mesma ocasião, o alferes Oviedo com alguns soldados de sua companhia saíram bem armados e cercaram com grande força os inimigos que estavam na casa de munição, para ver se podiam prestar auxílio, e pressionando-os com muita coragem, foram mortalmente feridos e destroçados, sem mostrar fraqueza até serem mortos, vendendo suas vidas às custas de infinitos bárbaros, que tiraram a vida deles. Simultaneamente, o capitão dom Nuño, muito ferido e sangrando, procurava acudir a todas as partes, sem poder remediar nada, com ânimo corajoso, se meteu na força-maior dos inimigos, onde, ao encontrar Mangoré, deu-lhe uma grande facada e, para garantir, com outros dois golpes o lançou morto no chão; e continuando com grande esforço e coragem, foi matando a outros muitos caciques e índios, com que já muito ensanguentado e cansado das mesmas feridas, caiu no chão onde os índios acabaram de o matar, com grande contentamento de estar com a boa sorte que consistia no efeito positivo de seu intento; e assim com a morte deste capitão a praça⁵ foi conquistada e destruída totalmente sem deixar ninguém com vida, exceto cinco mulheres que ali estavam, com a querida Lucía de Miranda e uns três ou quatro meninos, que por serem crianças não os mataram, e foram presos e cativos: e fazendo pilha de todo o despojo, para reparti-lo entre todas as pessoas da guerra, embora isto se faz mais para favorecer os valentes e para que os caciques e os principais escolham e tomem para si o que lhes parecer melhor; feito isso, vendo Siripo a morte de seu irmão e a dama que tão cara lhe custou, não deixou de derramar muitas lágrimas, considerando o ardente amor que tivera [Mangoré] por ela, e o que em seu peito estava sentindo por esta espanhola; e assim de todos os despojos que ganharam, de sua parte não quis tomar outra coisa que por sua escrava a que, por outra parte, era senhora dos outros; a qual, colocada em seu poder, não podia dissimular o sentimento de sua grande miséria com lágrimas

⁵ No original, a palavra é “fuerza”. No dicionário da RAE, “fuerza” pode ser “plaza murada y guarnecida de gente para defensa”.

nos olhos; e mesmo sendo bem tratada e servida pelos criados de Siripo, isso não a deixava de viver com muito desconsolo, por ver possuída por um bárbaro: o qual, vendo-a tão aflita, um dia, para consolá-la, lhe falou demonstrando grande amor, e lhe disse: de hoje em diante, Lucía, não te consideres minha escrava, mas sim minha querida mulher, e como tal, podes ser senhora de tudo o que tenho e fazer a tua vontade de hoje em diante; e junto com isto te dou o mais importante, que é o coração: tais razões afligiram profundamente a triste cativa, e poucos dias depois cresceu mais o sentimento com a ocasião que novamente lhe foi oferecida, e foi, neste tempo os índios corredores trouxeram Sebastián Hurtado prisioneiro à presença de Siripo, tendo voltado [Sebastián Hurtado] com os demais do brigue ao posto da fortaleza, saltou em terra e viu-a assolada e destruída, com todos os corpos dos que ali foram mortos, e não encontrando entre eles o de sua amada esposa, e considerando a ocasião, resolveu adentrar entre aqueles bárbaros e tornar-se cativo com sua mulher, considerando isso doravante, e ainda dar a vida que viver ausente dela; e sem contar a ninguém a sua decisão, entrou por aquele vale adentro, onde no dia seguinte foi preso pelos índios, que amarraram suas mãos e o apresentaram a seu cacique e chefe de todos que, ao reconhecê-lo, o mandou retirar de sua presença e executá-lo; a sentença foi ouvida por sua triste mulher que, com inúmeras lágrimas, rogou a seu novo marido que não o matasse, antes suplicou que lhe concedesse a vida para que ambos se empregassem a seu serviço, e como verdadeiros escravos, de quem seriam muito agradecidos; ao que Siripo cedeu devido à grande insistência com o que ela lhe pedia, a quem ele tanto desejava agradecer: mas com um preceito muito rigoroso, que foi, sob pena de sua indignação e de lhes custar a vida, se por algum modo eles conseguissem se comunicar, e que ele daria a Hurtado outra mulher com quem vivesse com prazer e lhe servisse; e juntamente com isso lhe daria um bom tratamento como se fosse não seu escravo, antes verdadeiro vassalo e amigo; e os dois prometeram cumprir o que lhes era ordenado: e assim se abstiveram por um tempo sem dar qualquer indício. Mas como o amor não pode ser ocultado, nem guardar lei, esquecendo [do preceito] que o bárbaro lhes impôs, e perdido o temor, sempre que tinham uma ocasião, não a perdiam, tendo sempre os olhos cravados um no outro, como tanto se amavam; e foi assim que foram notados por alguns da casa, e em especial por uma índia, mulher que havia sido muito estimada por Siripo, e repudiada pela espanhola: movida a índia de irado ciúme, disse a Siripo com grande ousadia: «você está muito contente com sua nova mulher, mas ela não está [contente] com

você, porque estima mais ao de sua nação e antigo marido, do que quanto você tenha ou possua: aliás pagamento bem merecido, pois você deixou a que por natureza e amor estava obrigado e tomou a estrangeira e adúltera por mulher». Siripo se alterou ao ouvir essas razões e sem dúvida nenhuma executaria sua ira nos dois amantes, mas deixou de fazê-lo até certificar-se de que o que lhe era dito fosse verdade; e se ocultando, andava dali em diante com cuidado para ver se podia apanhá-los juntos, ou como dizem, com o roubo nas mãos: finalmente se cumpriu o seu desejo, e foram flagrados, com raiva infernal mandou fazer uma fogueira e queimar nela a boa Lucía; e colocada em execução a sentença, ela aceitou com grande valentia, sofrendo o incêndio, onde terminou sua vida como verdadeira cristã, pedindo a Nosso Senhor que tivesse misericórdia e perdoasse seus grandes pecados; e no mesmo instante o cruel bárbaro mandou flechar a Sebastián Hurtado, e assim o entregou a muitos jovens, os quais ataram mãos e pés e o amarraram a uma alfarrobeira e foi flechado por aquela gente bárbara, até que acabou sua vida com o corpo todo esfolado e com os olhos voltados para o céu, suplicava a Nosso Senhor que lhe perdoasse os seus pecados, de cuja misericórdia, deve-se crer, estão gozando de sua santa glória marido e mulher: tudo aconteceu no ano de 1532.